primeiros indicadores da avicultura comercial informam que sua expectativa de crescimento é de 10% ao longo de 1996. Da mesma forma, o segmento produtor de rações prevê que o direcionamento do milho para a elaboração de rações destinadas às criações avícolas comerciais tanto de corte quanto de postura chegará a 11 milhões de toneladas no ano, ou 7,4% acima do verificado em 1995.

A esta altura, pode-se avaliar qual seria a real dimensão do déficit interno do cereal causado pelas perdas da safra ainda em curso. Com o estoque inicial (em 1º de março último) de 7,3 milhões de toneladas e a primeira colheita avaliada pelo IBGE em 27,7 milhões, chegar-se-ia a uma disponibilidade inicial de 35 milhões. Adicionada às 3,4 milhões de toneladas esperadas pela Conab para a safrinha, a oferta total chegaria a 38,4 milhões — ou seja, 500 mil acima do consumo estimado em 37,9 milhões de toneladas. Considerando-se a importação prevista de 1,5 milhão de toneladas, o país contaria com estoque de passagem de 2 milhões, ou seja, o equivalente a menos de um mês de consumo.

A prevalecerem esses números, é muito possível que venha a ocorrer uma revisão para cima das importações, sob pena de o estoque inicial para a temporada 1996/97 ficar aquém do necessário para a segurança do abastecimento interno. Possibilidade, por sinal, sustentada pelas opiniões colhidas no mercado de que as compras externas possam eventualmente alcançar até 3 milhões de toneladas.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

SOJA

Soja eleva cotações

As sucessivas altas na Bolsa de Chicago são provocadas pela apertada situação dos estoques de diversas commodities, notadamente o milho e o trigo, e a divulgação da situação de menores estoques de soja, plantio reduzido nos EUA e problemas climáticos nas Grandes Planícies norte-americanas. Isso traz cotações elevadas para a nova safra do Brasil.

A menor produção da safra brasileira foi assimilada pelo mercado internacional e a produção argentina poderá até ser maior do que se esperava. Mesmo assim, as cotações externas continuam subindo, em razão dos últimos relatórios divulgados pelo USDA. Tradicionalmente, a intenção do plantio de soja nos EUA é apresentada em fins de março e, este ano, ela exerceu imediato efeito altista. O departamento considera que os sojicultores norte-americanos praticamente repetirão a área plantada da safra passada, de 25,3 milhões de hectares.

A semeadura deve ser atentamente acompanhada, pois parece improvável que a produção da próxima safra dos EUA supere grandemente a de 1995, de 58,6 milhões de toneladas (10 milhões de toneladas abaixo de 1994). Contudo, o rendimento físico médio normal obtido naquele país permitiria colher algo em torno de 60 milhões de toneladas no segundo semestre, o que constituiria um fator baixista. A recuperação do estoque norte-americano exigiria um rendimento acima de 2.777kg/ha, que foi o recorde obtido em 1995. Atualmente, está sendo colhido o trigo na região das Grandes Planícies e começando-se a cultivar o milho e a soja. O primeiro passa por situação de maior aperto, pois é mais concentrado nos EUA.

Em termos de estoques finais, os norte-americanos foram reestimados, para 16,6 milhões de toneladas, ante os 22,7 milhões da safra anterior. Os estoques globais finais também diminuíram, de 27,8 milhões de toneladas, para 21,6 milhões, o que compõe o quadro de alta do momento. É uma queda de mais de 22%,

Soja: balanço mundial de oferta e demanda
1994/95 e 1995/96 — em milhões de toneladas

	Grão		Farelo		Óleo	
	1994/95	1995/96	1994/95	1995/96	1994/95	1995/96
Estoque inicial	17,16	22,78	3,61	4,17	1,74	1 ,71
Produção	137,28	123,21	87,48	87,21	19,87	19,78
Importações	32,69	31,36	31,01	31,74	6,14	5,22
Esmagamento	110,53	109,78	–	–	–	–
Exportações	31,82	30,90	31,53	31,66	6,11	5,21
Estoque final	22,78	16,57	4,17	3,55	1,71	2,04

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA.

sendo que estão igualmente menores os estoques de farelo (-14%) e de óleo (-6%).

Também pesam sobre o mercado internacional da soja os comportamentos de insumos substitutos nas rações, como o milho e outros grãos forrageiros, além do trigo. Em fins de abril, trigo e milho registraram altas inéditas na Bolsa de Chicago, em razão da seca nas regiões tritícolas norte-americanas, que afetará as lavouras de inverno, e dos estoques finais baixos, que atingiram o menor patamar das últimas cinco décadas. Problemas climáticos no Canadá trazem apoio reforçado à alta, realimentada por informações quanto ao suprimento e à exportação do principal concorrente da soja em fonte de proteína para os rebanhos, que é o milho.

Esta situação vem atraindo o interesse dos gigantescos fundos de investimentos norte-americanos para as operações com commodities, provocando instabilidade e obrigando a Bolsa de Chicago a tomar medidas de acautelamento, como aumentar o depósito mínimo para a manutenção de posições nos futuros do trigo.

Como reflexo, chegou-se ao mais alto futuro para o mês de julho em sete anos, com o registro de US$301,86/t. No início de abril, era de US$5,82/bu.

Há ainda bastante preocupação quanto aos rumos dos mercados dos cereais e farelos proteínicos, em função do gravíssimo problema da encefalopatia espongiforme bovina, ou EEB, amplamente difundida pela imprensa mundial como "doença da vaca louca". Começam a surgir projeções de ampliação da demanda européia dos chamados grãos em 2%. Isso se deveria à necessidade de alimentar maiores quantidades de aves e suínos, substitutos imediatos da carne bovina.

A safra brasileira de soja teve seu cálculo mantido em abril em 23 milhões de toneladas, mas a da Argentina foi reduzida de 12,5 para 12,3 milhões. Na própria Argentina, porém, há estimativas de produção em torno de 13,1 milhões de toneladas, devido ao comportamento propício do clima.

A situação favorável permitirá ao Brasil ganhos com as vendas externas do complexo da soja, apesar de a safra deste ano ser inferior à precedente. Já circulam cálculos de vendas cerca de US$700 milhões maiores.

No mercado interno, os preços tiveram desempenho semelhante, subindo sobremaneira, justamente quando começava a entrar o produto novo. No Rio Grande do Sul, em meados de abril, segundo informações da Emater-RS, 39% da safra tinham sido colhidos. Apesar dos anúncios de geadas, não se tinha ainda certeza sobre sua ocorrência. Calculava-se que em 24% das plantações os grãos estavam na fase de enchimento, e qualquer problema com geada poderá levar à formação de grãos *leitosos*. As plantas estão com porte mais baixo devido à seca, que se manifestou até janeiro (por causa dela, o plantio foi prorrogado até 15 de janeiro) e em março. O mais recente levantamento da Secretaria da Agricultura foi feito em 8 de abril. Confirmou-se redução de 6% na área, que ficou em 2,83 milhões de hectares, e se espera produtividade física média de 1.550kg/ha. Isso resultaria numa safra de 4,38 milhões de toneladas, superior à prevista pelo IBGE, de 4,25 milhões. Ambas são bem melhores do

Rio Grande do Sul: produção de soja
Safras 1990/91 a 1995/96

Safra	Área cultivada (ha)	Rendimento (kg/ha)	Produção (t)
1990/91	3.115.577	713	2.220.502
1991/92	2.876.598	1.957	5.629.537
1992/93	3.078.313	1.971	6.067.494
1993/94	3.185.058	1.709	5.445.728
1994/95	3.006.505	1.945	5.848.016
1995/96	2.841.147	1.464	4.159.439

Fonte: Fecotrigo.

que o esperado pela Fecotrigo (4,16 milhões de toneladas).

Os preços do produto gaúcho são considerados bons, com o máximo de R$13,80/60kg em meados de abril e a média de R$13,23/60kg. No início do mês, a maior cotação era de R$12,79 e a média de R$12,36. No ano passado, o preço médio da comercialização foi de US$10,58/60kg, 9,4% inferior ao verificado em 1994.

No Paraná, que lidera a produção brasileira com mais de 5,7 milhões de toneladas, mesmo reduzindo sua área em 9%, foram colhidos aproximadamente 85% das lavouras, até a terceira semana de abril, em função de seu calendário agrícola mais adiantado. Segundo o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura do estado, a comercialização totalizava 30%, percentual tido como normal.

O Rio Grande do Sul é o grande destaque negativo da safra, passando à posição de terceiro maior produtor do país.

No que se refere ao rendimento físico médio, está sendo alcançado novo recorde de 2.720kg/ha. O anterior foi obtido na safra 1994/95, de 2.600kg/ha. Como não estão acontecendo dificuldades climáticas, espera-se que o desempenho seja mantido. A safrinha, em que são cultivados cerca de 50 mil hectares, com colheita de 90 mil toneladas, porém, poderá ser atingida pelo frio esperado para as próximas semanas.

O preço paranaense tem-se situado ao redor de R$12,80/saca. A Cotriguaçu acredita que caberia explorar bem a alta, vendendo logo, não só para saldar dívidas, mas igualmente para comprar fertilizantes. Seria interessante especular um pouco, mas, se o sojicultor segurar demais o produto, poderá vir a perder o melhor momento. Este é um temor que percorre todas as regiões produtoras e também se manifesta no Centro-Oeste, onde a safra, em geral, apresentou boa *performance*.

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) o que existe hoje poderia ser denominado "prêmio climático", de duração incerta. As vendas pelos agricultores estão mais lentas, na média do país, ficando entre 35 e 40%. Na mesma época de 1995, já tinha sido vendida a metade da safra. Trata-se porém, de um atraso previsível, devido aos acontecimentos no Rio Grande do Sul.

Embora o "mercado de clima" não permita antecipar movimentos de cotações e se caracterize pelo nervosismo, a estimativa da receita de exportações do complexo precisa ser revista a cada instante. No ano passado, as vendas externas de soja e derivados renderam US$3,82 bilhões, sendo US$770 milhões provenientes do grão, US$1,99 bilhão do farelo e US$1,05 bilhão do óleo. Para este ano, estima-se que o ganho total chegue a US$4,5 bilhões, com o grão rendendo US$858 milhões, o farelo US$2,71 bilhões e o óleo US$931 milhões.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

Oferta e demanda de soja

A Conab divulgou, em seu mais recente balanço de oferta e demanda, números que também apresentam redução dos estoques internos de soja em grão e farelo de soja. Para ambos, o estoque é o mais baixo desde 1992. No caso do óleo, porém, o estoque é o maior da série divulgada e se deve ao fato de que a produção do farelo resultará em maior oferta de óleo, cujo mercado não está sendo tão influenciado pela força da demanda. É interessante observar que a Conab preferiu considerar, em suas projeções, que a importação de soja em grão, em 1995/96, repetirá o milhão de toneladas de 1994/95. A projeção das importações de óleo também está repetida. Observe-se igualmente que o consumo interno da soja em grão está projetado a menor, o que significa que o ajustamento do mercado será feito via preço mais elevado. O do óleo foi mantido e o do farelo teve pequeno reajuste a maior.

Brasil: balanço de oferta e demanda de soja

1985/86 a 1995/96 — em mil toneladas

Ano-safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque final
Grão						
1985/86	849,0	13.997,0	340,0	13.210,0	1.193,0	783,0
1986/87	783,0	17.072,0	450,0	18.305,0	3.003,0	442,0
1987/88	442,0	18.127,0	62,0	15.545,0	2.611,0	475,0
1988/89	475,0	23.929,2	63,0	18.401,0	4.573,0	1.493,2
1989/90	1.493,2	20.101,3	16,3	16.667,1	4.140,6	803,1
1990/91	803,1	15.394,9	281,8	14.019,8	1.926,9	533,1
1991/92	533,1	19.418,6	594,4	16.121,1	3.733,3	691,7
1992/93	691,7	23.042,0	10,0	18.289,7	4.166,1	1.287,9
1993/94	1.287,9	25.059,1	900,0	20.461,1	5.366,7	1.419,2
1994/95*	1.419,2	25.934,1	1.000,0	23.037,0	4.100,0	1.216,3
1995/96**	1.216,3	22.982,2	1.000,0	21.200,0	3.200,0	798,0
Farelo						
1985/86	485,0	9.594,0	0,0	2.789,0	6.932,0	358,0
1986/87	358,0	10.777,0	0,0	2.782,0	8.056,0	297,0
1987/88	297,0	10.710,0	0,0	2.293,0	8.416,0	298,0
1988/89	298,0	12.666,0	0,0	2.720,0	10.060,1	183,9
1989/90	183,9	12.109,0	0,0	2.831,0	8.775,8	686,0
1990/91	686,0	10.267,0	0,0	3.281,1	7.341,9	330,0
1991/92	330,0	11.563,0	0,0	3.216,4	8.348,6	328,0
1992/93	328,0	13.249,1	0,0	3.520,0	9.571,2	485,9
1993/94	485,9	14.907,3	0,0	4.460,0	10.506,6	426,6
1994/95*	426,6	16.827,0	0,0	4.990,0	11.600,0	663,6
1995/96**	663,6	15.326,0	0,0	5.089,0	10.500,0	400,6
Óleo						
1985/86	192,0	2.319,0	159,0	2.001,0	439,0	230,0
1986/87	230,0	2.618,0	59,0	1.832,0	986,0	89,0
1987/88	89,0	2.576,0	55,0	1.933,0	653,0	134,0
1988/89	134,0	3.028,0	28,8	2.147,0	847,6	196,2
1989/90	196,2	2.927,0	10,8	2.114,9	872,1	137,0
1990/91	137,0	2.464,0	77,3	2.125,0	411,3	142,0
1991/92	142,0	2.772,0	80,0	2.156,4	699,6	138,0
1992/93	138,0	3.116,0	94,0	2.310,0	759,7	278,3
1993/94	278,3	3.585,3	310,0	2.400,0	1.544,2	229,4
1994/95*	229,4	4.047,0	300,0	2.600,0	1.750,0	226,4
1995/96**	226,4	3.686,0	300,0	2.600,0	1.320,0	292,4

Fonte: Conab.
* Dados preliminares.
** Projeção.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA